Revista TOMO, São Cristóvão, v. 45, e24615, 2026
DOI:10.21669/tomo.v45.24615
Dossiê: Visualidades Urbanas: poder, subjetividades , sociabilidades e o existir citadino
E-ISSN:2318-9010 / ISSN:1517-4549

PARECER A

Artigo ID: 24615
Completo em: 2026-05-03 07:14 PM
Recomendação: Correções Obrigatórias

O texto fundamenta-se em uma sólida articulação teórica entre pedagogia freireana (educação como prática de liberdade), antropologia ingoldiana (caminhar perambulatório) e epistemologia circular de Bispo dos Santos, aplicadas à capoeira como dispositivo educacional.

Estrutura e contribuição:
Pontos fortes incluem a integração fluida de narrativas pessoais e teóricas, com descrições vívidas da roda de capoeira como espaço de formação ética e relacional; incluem também releitura crítica da "educação bancária" de Freire em contraste com a pedagogia da exposição, e a ênfase na dialética hegeliana (Mantovani, 2011) para explicar a formação do sujeito na roda. Além disso, as fontes presentes são coerentes e atualizadas (ex.: Bispo dos Santos, 2023; Ingold, 2015), revelando relevância para debates socioantropológicos e estudos culturais afro-brasileiros.
A contribuição científica reside na proposta de uma epistemologia circular aplicada à educação corporal, relevante para estudos em pedagogia crítica e antropologia da educação, urbana e/ou do corpo, mas o impacto é moderado pela ausência de conexões com pesquisas empíricas recentes em educação experiencial, sendo este um dos pontos frágeis do artigo.
Pontos fracos: a autoria não desenvolve dois importantes conceitos que dialogam diretamente com o dossiê: dispositivos imaginativos e pedagogia da exposição. Tais conceitos aparecem no resumo, mas não são retomados no corpo do texto.
Sugestões:
1) Debater as Visualidades como dispositivos imaginativos: Imagens não como representações fixas, mas como "portas" para experiências (Dantas, 2021; 2022). Ex.: O emblema da ACCAAP (circular, com berimbau como barco e símbolos de Netuno/Vênus) simboliza alma relacional e mar como presença ubíqua, guiando a imaginação para liberdade.
2) Retomar a ideia de pedagogia da exposição ao longo do texto: A "pedagogia da exposição" (Mestre Jaime) é o saber transmitido no encontro, sem normas rígidas, promovendo ética relacional. Esse conceito é orgânico, vivencial. Porém, aparece no resumo e depois somente nas considerações finais.

Outro ponto que merece atenção é a metodologia.
Pontos fortes: O texto adota uma abordagem qualitativa reflexiva, baseada em observações participativas, entrevistas e uso de videotapes com mestres. A metodologia é bem refinada para explorar visualidades e subjetividades urbanas.
Pontos fracos: Carece de uma seção dedicada à metodologia, incluindo critérios de seleção de informantes (sendo os mestres, aparece de forma abrupta por não apresentá-los de antemão ao leitor que os desconhecem, de modo que possam compreender a importância de suas falas registradas no artigo) e procedimentos de análise de dados (ex.: análise temática ou narrativa). Sugere-se adicionar uma subseção breve na introdução ou final, descrevendo o processo de

coleta de dados e triangulação de fontes (narrativas orais, emblemas e literatura). Isso alinharia o estudo a padrões de pesquisa qualitativa, como os propostos em etnografias, sem comprometer a fluidez narrativa.

Quanto à adequação ao dossiê: O artigo atende à proposta, ao explorar visualidades urbanas (imagens como "dispositivos imaginativos" que abrem caminhos para experiências) e elementos de poder (opressões internalizadas, resistência via capoeira), subjetividades (consciência de si no encontro com o Outro) e sociabilidades (roda como espaço de troca ética e coletiva). Ele enfatiza o "existir citadino" na urbanidade solitária de São Paulo, com práticas artísticas (capoeira como gesto, ritmo e brincadeira) que desafiam normatividades. No entanto, o foco principal tem menos ênfase em etnografia visual explícita ou análise de imagens como "leitura e escrita do mundo" (Dantas, 2021) e apresentando a relação da prática de capoeira com a cidade. Sugestão para maior alinhamento: expandir a seção sobre imagens urbanas (ex.: o céu nublado como metáfora de invisibilidade citadina) e, por exemplo, conectar mais diretamente à "política de visualidades" (Malta, 2024), destacando como a roda de capoeira negocia visibilidade em espaços públicos vulneráveis. Isso fortaleceria a contribuição para o tema de "grupos vulneráveis negociando sua visibilidade na cidade".

Por fim, retirar as menções a autores no resumo (Freire, Ingold, Bispo dos Santos) e apresentá-los na introdução. Rever as palavras-chave.